

CARTOGRAFIA DAS EXPERIÊNCIAS DE CONSTITUIÇÃO DOCENTE: RELATO SOBRE O PERCURSO FORMATIVO E A VIDA DE UM PROFESSOR ACAMPADO

Elizeu Rocha Mesquita¹
Flávio Santiago²
Daniela Carolina Ernst³

RESUMO:

Através de aspectos relacionados a experiências vividas durante a minha vida como estudante dentro de um acampamento e de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), além da minha constituição docente realizada no Instituto Federal Goiano IFG que está escrita materializa-se. Este é o relato de alguns fragmentos dessa vida professor em devir docente/pesquisador, que acredita no poder epistêmico da escrita e da leitura na constituição dos pesquisadores da educação, e também na possibilidade de pensar as relações estabelecidas durante a vida com o fazer/constituir-se docente. Tencionamos fazê-lo dialeticamente a partir de muitas vozes e escritas, estrategicamente escolhidas. Como lastro conceitual de sustentação dessa pesquisa, inspira-se em: Freire, Antonio Bispo, Lélia Gonzales e Conceição Evaristo com o conceito de escrevivência. Com a intenção de sustentar a hipótese dessas linhas de que exista a possibilidade de construir uma experiência que atravesse nossas lutas, resistências, leituras, escritas. A (des) metodologia operacionalizada, inspira-se em Deligny (1960) Deleuze e Guattari (1971), ou seja, um movimento contra hegemônico e decolonial.

Palavras-chave: Escrevivência; Escola do campo; MST

ABSTRACT

This writing materializes through aspects related to experiences lived during my life as a student inside a camp and a settlement of the Landless Workers Movement (MST), as well as my teaching constitution at the Federal Institute of Goiás - IFG. This is the report of some fragments of this life of a teacher becoming a teacher/researcher, who believes in the epistemic power of writing and reading in the constitution of educational researchers, and also in the possibility of thinking about the relations established during life with the making/constituting of a teacher. As a conceptual ballast to support this research, we are inspired by: Freire, Antonio Bispo, , and Conceição Evaristo with the concept of writing. To support the hypothesis of these lines that there exists the possibility of building an experience that crosses our struggles, resistances, readings, and writings. The (dis)operationalized methodology is inspired by Deligny (1960) Deleuze and Guattari (1971), that is, a counter-hegemonic and decolonial movement.

Keywords: Writing; Rural School; MST

Da palavra Introdutória

*Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande!
Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler
aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe*

¹ Graduando em Licenciatura em Pedagogia. Instituto Federal Goiano IFG

² Pós-doutor pela Faculdade de Educação da USP; Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP; Orientador de Trabalho de Conclusão curso de Lic em pedagogia Instituto Federal Goiano IFG

³ Doutoranda em Ciências USP/SP, Co-Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Lic. em Pedagogia Convidada pelo Instituto Federal Goiano IFG

escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (p. 138).

Em epígrafe trazemos o anúncio das nossas intenções de escrita, contar uma história viva, que nasce de pessoas e é contada para tantas outras na esperança de causar um certo tipo de estranhamento ou de sensações, tanto para quem as lê quanto para quem as escreve. Partimos do princípio de que, e inspirados em Conceição Evaristo, que quando *nós escrevemos o texto*, *nos inscrevemos nele* e que o texto também *se inscreve na gente*. E, sim, antes que perguntem, essa história é escrita por muitos e muitas, e é também por eles/elas contada. Parafraseando um tal de Deleuze, somos orientadores e eu, e nós três, já somos muitos.

Essa escrita baseia-se no rito de passagem de um assentado que se constitui professor. Observa-se aqui, a trajetória do corpo/vida do ponto de vista da memória corporal e do processo constitutivos, que fazem parte da formação do indivíduo, dos investimentos afetivos e de efeitos de sentido.

Poderíamos dizer assim, que essa escrita passa do corpo ao papel, da voz ao inconsciente, e assim, ressignifica nossas memórias e possibilita a corporificação das nossas experiências. Mesmo que a academia desqualifique a temática autobiográfica cartográfica proposta, entendemos esse movimento como fluxo potente contra o pensamento representacional estabelecido, nossa escrita é decolonial, anti hegemônica e dialética. Pensada e transcrita de maneira coletiva e colaborativamente. Porque na educação, e na vida, esse deveria ser o movimento, o de partilha e construção.

Não buscamos a informação para a formação, procuramos os efeitos de sentido construídos a partir da experiência, entendo a partir de Larrosa que a informação não é e nunca poderá ser experiência, e que ela, a informação, não deixa lugar para a experiência, ao contrário, a informação e quase sempre uma anti experiência, o capital quer manter essa retórica, nas nossas vidas e nas nossas pesquisas, para que a retórica destinada ao construir-nos seja a de sujeitos informantes e informados, neste sentido a informação, não tem outra serventia que não seja cancelar nossas possibilidades de ser, sentir, causar experiências. (LAROSSA, 2002, p. 21). Organizamos ou não, nossas

experiências da seguinte maneira, na primeira parte do texto, compartilhamentos aspectos da vida no acampamento, da organização dentro do MST e da escolarização dentro do assentamento.

Na segunda parte do texto, compartilho fragmentos relacionados aos aspectos do meu processo constitutivo dentro do Instituto Federal Goiano, a importância da criação dos Institutos Federais para a expansão da educação e acesso da classe trabalhadora ao ensino superior, e local onde realizei meu curso de licenciatura em pedagogia.

A (des) metodologia aqui empregada, inspira-se na cartografia criada por Fernand Deligny (1960), cooptada por Deleuze e Guattari (1971). Ou seja, compartilharemos linhas e fluxos de constituição, subjetividades envolvidas no ser e no constituir-se docente, por meio de referências e histórias cruzadas, rasuras historiográficas, efeitos de sentido, perpassando todos esses engendramentos de espaço-tempo envolvidos nesse processo. Como diria Bispo (2007) : como definir e/ou dimensionar o tempo? Ou seja, onde começam e terminam o passado e o presente e onde começa o futuro?

Recorreremos à cartografia enquanto possibilidade de operacionalização dessas subjetividades a serem transcritas, contando com coeficientes que se relacionam com sorte e perigo, desejos e subjetivações. Para a professora Corazza (2013), outra infratora acadêmica e da educação, esse tipo de experimentação metodológica requer insubordinação e transgressão, vontade e coragem de optar por uma nova ética de trabalhar e viver a pesquisa e a educação. Direcionando o olhar e os sentidos para outros pontos de vista, possibilitando o encontro com o desconhecido, tornando-o um objeto de saber” (ERNST, 2021, p. 46). A estratégia metodológica, assim, não é tão somente o método de coleta, ela é parte da perspectiva. Ela precisa revelar o conhecimento pela experiência, e essa “[...] é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2016, p. 26).

A estratégia metodológica possibilita, assim, perceber os movimentos dentro desse território a ser observado, o da vida de um assentado e seu processo constitutivo de licenciado em Pedagogia, já que, de acordo com M. Merleau-Ponty (1945/1999), a atenção não seleciona elementos dentro de um

específico campo perceptivo, a atenção é o próprio campo perceptivo, ou seja, nos permite captar não apenas o óbvio, mas também o inexplicável.

A VIDA NO ACAMPAMENTO E O MST

Começamos essa história quando eu tinha mais ou menos 5 anos de idade, meu pai trabalhava em Goiânia arrendando uma terra e nela cultivando uma horta de onde tirava nossa subsistência. Influenciado por amigos, acabou decidindo se mudar com a esposa e os 4 filhos para um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra -MST na esperança de conquistar uma terra, nosso chão. Mais de 1000 famílias faziam parte desse acampamento, todas com sonhos e desejos muito semelhantes aos nossos, cultivar a terra, sem veneno, sem exploração feita por patrão.

Aos leitores menos afeitos a história dos movimentos sociais, precisam entender que o MST não é um grupo de baderna ou de terroristas, é um movimento extremamente organizado, que nasceu das articulações de lutas pela terra, retomadas a partir da década de 70, especialmente nas regiões Centro-Sul do país. Com o tempo esse movimento foi se expandindo pelo Brasil inteiro, e atualmente o MST organiza-se em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 450 mil famílias, assim como a minha, que conquistaram a terra por meio da luta e organização dos trabalhadores rurais.

Mesmo depois de assentadas, essas famílias continuam organizadas no MST, porque entendemos que a conquista da terra, é apenas o primeiro passo para a Reforma Agrária. Foi no MST meu primeiro contato com uma nova maneira de viver, o da construção participativa e democrática, tão importantes para vida como para a nossa prática enquanto docentes. Além da certeza de que só há conquistas se houver organização, resistência e luta. Nas assembleias do MST, sejam estas gerais ou nos acampamentos, todos têm direito a voto: adultos, jovens, homens e mulheres.

Dentre as importantes conquistas realizadas pelo movimento, aliadas à luta pela Reforma Agrária e que merecem destaque, pois relacionam-se com as

intenções de nossas escritas, orbitam em torno da educação, que são as escolas públicas do campo.

Atualmente nas comunidades rurais organizadas pelo MST contabilizam⁴ mais de 120 escolas de ensino médio, 200 escolas de ensino fundamental completo e mais de mil escolas de ensino fundamental para os anos iniciais espelhadas nos 24 estados da federação.

Ampliando assim, o número de crianças, jovens e adultos que frequentam esses espaços de escolarização. Essas escolas são frequentadas para além dos sujeitos ligados ao movimento e aos assentamentos, também pela comunidade do entorno, sejam estes parte ou não do MST, são mais de 200 mil crianças, adolescentes, jovens e adultos cadastrados nas nossas escolas. E se existe revolução na educação nesse país, ela tem sido liderada a partir do MST e na escolarização do campo.

Da escolarização dentro do Acampamento (1999- 2002)

Mas, voltando a nossa história, nossa porque ela é de todas e todos, e ainda precisa ser contada, nos remetemos à itinerância do acampamento, pelas muitas mudanças, evidenciava-se a necessidade da escolarização das crianças acampadas. Era inviável matricular as crianças nas escolas das proximidades. Por esse motivo surgiu a necessidade de criar uma escola improvisada dentro do próprio acampamento, já que ali estavam acampadas mais de 1000 famílias e muitos não tinham como deixar seus filhos na cidade para estudar.

Acabei cursando o início do ensino fundamental dentro do acampamento, a escola era bem rústica, mas a acolhida era muito afetuosa. Absolutamente tudo era improvisado, as paredes e o telhado de lona, sacos plásticos. As cadeiras e mesas, eram as que o pessoal do movimento conseguiu arrecadar com as escolas, aquele material que sobra ou que está muito estragado para ser usado, era recuperado e utilizado na nossa escola.

Quando chovia, ficava tudo alagado, se ventava muito forte, as paredes balançavam e o medo do cancelamento das aulas era constante quando o clima não ajudava. Das memórias mais afetivas e produtoras de sentido que carrego

⁴ Dados fornecidos pelo setor de Educação do Movimento e disponibilizadas na página do MST

deste período, relacionam-se com a simplicidade das pessoas, a maneira pela qual os professores tratavam os sujeitos inseridos naquele projeto educativo. Estávamos em casa, existia uma ligação de afeto e proximidade, as professoras realmente se preocupavam com a nossa educação e bem-estar. Eu tinha muito carinho e respeito pelos professores, acabei fazendo grandes amizades, sentia-me respeitado, acolhido, bem-querido.

O que nos faz pensar, que todo esse afeto, bem querer e acolhimento, deveriam ser a base de tantas outras escolas, para além das do movimento. Se pensarmos a partir da premissa que a nossa história, e a história do Brasil não é algo pronto, e que existe a priori de todos nós, que ela é uma escrita (FREIRE, 2011; BETTO, 2003), podemos também perceber que é possível aos sujeitos, historicamente oprimidos, se assumam como autores das suas histórias e da História.

Abaixo, posso comprovar essa afirmação, compartilhando fotos da nossa primeira escola dentro do assentamento, apesar de simples, ela era gigante. Algumas pessoas dizem que a gente se aliena no coletivo e se resolve individualmente, digo a essas pessoas, que vivam em um acampamento, porque nós nos resolvemos, nos organizamos no coletivo e nos emancipamos enquanto sujeitos a partir dessa experiência construída e compartilhada.





Fonte: Acervo do pesquisador 2022

Os assentados, sabiam que sem pressão política e social, talvez demorasse muito para conseguirmos a terra, foi então decidido em assembleia, a ocupação do espaço na frente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Incra em Goiânia. Dessa maneira, eu e as outras crianças, fomos matriculados em uma escola próxima ao acampamento.

No final daquele mesmo ano o acampamento mudou-se para a fazenda Bandeirante no município de Baliza e com ele nós também nos mudamos. Ali já existia uma escola rural que funcionava como uma extensão da escola na cidade e com a chegada de mais de 550 famílias para o assentamento houve a necessidade de ampliar essa escola que passou a se chamar Escola Municipal Bandeirante que existe no local até hoje.

Nesta escola cursei quase toda a minha vida escolar desde a antiga, 2ª série até a 8ª série do ensino fundamental. Como o número de alunos só crescia, pois avançamos em idade e existia a necessidade de escolarização, o governo estadual viu-se obrigado a implantar uma escola de ensino médio na fazenda, pois era inviável transportar esses alunos do campo até a cidade. Assim, surgiu a extensão da escola da cidade na fazenda, deste modo cursei meu primeiro ano do ensino médio também na zona rural. Preciso comentar, não porque me acha mais importante do que outros e outras, mas fui a única pessoa da família que completou a escolarização no tempo certo, como disse anteriormente tenho irmãos, um irmão que completou a sexta série e abandonou os estudos e hoje, assim como eu trabalha como pedreiro, uma irmã que abandonou os estudos por conta da lida do campo e a sobrecarga que a mulher em contexto rural tem, assim como em tantos outros, onde desempenha mais de um função,

trabalhadora, dona de casa, mãe, e outra irmã, residindo ainda dentro do acampamento.

O IF Goiano e o processo Constitutivo

Demarcando logística e geograficamente nosso mapa de vida, talvez se faça necessário explicar o lugar em que vivo e as condições que nos cercam, eu vivo em Garças, do outro lado do Rio Araguaia, fica Barra do Garças no Mato Grosso e lá grandes universidades como a UFMT. Quando saí do Ensino Médio, entrei com a nota do Enem em Licenciatura de Letras na Universidade Federal do Mato Grosso, mas assim como muitos outros, não tive condições de dar seguimento aos meus estudos lá. Diferentemente de gente que tem condições e facilidade de acesso, o pobre trabalhador precisa pensar estrategicamente, e ser professor, investir em uma mudança para outro Estado (mesmo que perto), sem dinheiro, sem emprego, sem política de permanência e êxito tornava inviável esse curso.

Eis que um dia, minha esposa escuta na rádio, sobre a possibilidade de inscrição no Instituto Federal na modalidade EAD para cursar Pedagogia. Na realidade, era ela quem queria fazer a inscrição, e por insistência dela, acabei fazendo. Por esses acasos da vida, que somente o destino pode explicar, acabei entrando e ela não. Que fique claro, que eu não queria ser professor, não queria estudar pedagogia e fui por insistência dela e pela oportunidade de estudar e me aperfeiçoar em um Instituto Federal.

Hoje, acredito na máxima do professor Tomaz Tadeu da Silva (2013) que dizia, que o currículo produz, e ao produzir ele nos produz. São tessituras de movimentos de idas e vindas entre a teoria e prática, as nossas fragilidades, as incertezas, o ser docente em constituição, a reflexão sobre nós mesmos e sobre as concepções que subsidiam nossas formações.

Mudanças acabam acontecendo, pelas conjunturas da vida, pela experiência de estar ali ocupando um lugar e produzindo presença, e talvez até mesmo pela própria configuração dos Institutos, que não são escolas e tão pouco universidades, por si, são entes próprios. Por isso permitem a construção de outros processos, que incluem a formação para atuação docente na Educação Básica (EB) e na Educação Profissional (EP), razão pela qual o trabalho como

princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico são centrais. Também é importante destacar, que os Institutos nascem para o povo e pelo povo. De acordo com sua lei de criação, eles são instituições de educação superior, básica (médio integrado- EJA-EPT) e profissional (técnico concomitante, bacharelado, licenciaturas) curricular e multicanal, especializados na oferta de Educação Profissional e Tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Uma das suas principais metas é garantir o acesso e a permanência de estudantes, em especial os estudantes histórica e socialmente excluídos. Os institutos nascem a partir das demandas dos grupos sociais organizados que defendiam e ainda defendem a interiorização da educação.

Antes dos IFs, os filhos e filhas dos trabalhadores não teriam acesso a educação pública de qualidade e perto da família, antes da interiorização era impensável que a população do campo pudesse estudar. A compreensão dos institutos precisa ser realizada a partir de um contexto histórico-cultural de luta e de resistência, por uma escola unitária, que compreende o trabalho como princípio educativo e que preza acima de tudo por uma educação emancipatória.

Não importa se ao saímos do Ifs desempenhamos as funções pelas quais fomos construindo conhecimentos, o que importa é que ao sairmos dos Institutos Federais, sejamos outros, diferentes daqueles que lá adentraram, e que durante nosso processo constitutivo, tenhamos compreendido o meio e a nós mesmos. Educar vai além de diplomar, educar é preparar para a vida, para as intempéries, para a adversidade, para a resistência, para a emancipação.

(Des) Conclusões

Chegamos ao final deste texto, mas certamente, não desta jornada constitutiva, afinal, defendo que ninguém se torne professor ao final de um curso de graduação, de especialização de mestrado ou doutorado, estamos todos, nesse entre meio estranho, nesse local de estranhamento de devir docente. Duvido muito que alguém se acha apto ou pronto, ao final desse percurso, outros efeitos atuam sobre meu corpo. Será que estou/ estamos preparados? Esse corpo de assentado/ pedreiro que também se constitui pedagogo e pesquisa, não deixa de ser um corpo que pesquisa, dessa maneira o pesquisador, o

pedreiro e o assentado, assim como a pesquisa passam pelo aprendizado do corpo. Comecei esse texto com muito receio, e também muita vergonha, mas assim como a Maria Nova, personagem de Conceição Evaristo, eu também queria contar uma história, o desejo venceu o medo e tornou-se coragem. E assim como a Maria, que pensava em um dia contar aquela história, hoje eu consegui contar a minha. Que não é minha, é nossa. É o relato de todos e todas que ao invés de desistir e se acomodar, ousaram sonhar e lutar, que acreditaram que ao final valeria a pena. Essa é parte da história da minha família, que como muitas acreditou. Esperançar! Hoje, percebo que o corpo precisa se permitir passar por esses estranhamentos por vezes desgastantes, e depois seguir em recuperação, para novamente enfrentar outros tantos desafios, dessa caminhada de (des)cobrimento, seja na docência, na pesquisa ou na vida.

E, ao me despedir destas mal traçadas linhas, agenciado por múltiplas vozes, plurais, coloridas, de resistência e luta, agradeço as políticas de interiorização da educação, graças a elas, ENEN, PROUNI, REUNI foi possível acessar a escolarização a nível superior. Dessa maneira, persisto em produzir presença, neste meio acadêmico, que gosta das coisas feitas da mesma maneira, de poucas histórias e muita informação, somos resistência corporal aquele pensamento representacional anteriormente citado. Ao digitar essas palavras, tantos e tantas outras escrevem comigo, meu pai de mãos calejadas e unhas sujas, minha mãe, meus irmãos, meus avós analfabetos, meus vizinhos que não conseguiram chegar até aqui individualmente, mas que chegam comigo, através de mim, coletivamente. Espero não esquecer do lugar de onde sair, espero não esquecer a classe que pertencço, e espero nunca esquecer das pessoas por luto (ERNST, 2021).

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: 2003.

ERNST, D.C. O espaço-tempo do currículo rizomático e transversal no ensino de ciências. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências) Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS. Cerro Largo, p.46. 202

EVARISTO, Conceição. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo" Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LARROSA, J. Tremores: escritos sobre experiência. 1a ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura], 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Antônio Bispo. Quilombos, Modos e Significados. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.